



APRESENTAÇÃO

Cenário Econômico e Setorial

Novembro | 2022

- Este material foi elaborado pela **PACHECO CONSULTORES LTDA.**, denominada “**PACHECO**”, com base em informações coletadas nas fontes indicadas.
- As informações contidas neste material tratam-se apenas opinião particular da **PACHECO** quanto ao histórico e perspectivas da economia, setores e segmentos.
- O conteúdo deste trabalho não contém vertentes ou dados que os proprietários de empresas e também as pessoas físicas devam considerar como suficientes antes de tomar qualquer decisão em relação a negócios e investimentos.
- Este material foi elaborado com base nas informações fornecidas pelos órgãos indicados nas fontes, sendo assim, a **PACHECO** não se responsabiliza por eventual inexatidão ou imprecisão da completude das informações contidas nesta apresentação.
- Nenhuma declaração de garantia, seja ela expressa ou implícita, será feita nesta apresentação.
- Dados não auditados.

Economia

A inflação continua sendo a principal preocupação global, levando os bancos centrais de diversos países a promoverem a alta das taxas de juros, o que amplia o risco de recessão nos EUA e na Europa em 2023. No cenário doméstico, o PIB deverá crescer mais que o esperado em 2022, com o impulso do emprego, do crédito e dos programas de auxílio do governo, mas com tendência de desaceleração para 2023, como resultado da alta de juros e da desaceleração global. A inflação vem recuando e tende a continuar em queda, refletindo principalmente a desaceleração do crescimento econômico. O Banco Central continuará vigilante no combate à inflação e deverá manter a Selic elevada até meados de 2023. O dólar seguirá volátil principalmente durante o período de definição da nova equipe econômica e o ambiente econômico global continuará favorecendo o dólar forte ante o real.

Comércio e Serviços

Serviços seguem em recuperação mais robusta impulsionados pela melhora do emprego e pelo avanço da vacinação que permite a retomada de atividades de lazer. Comércio começou a arrefecer como resultado da alta dos juros e da saturação da demanda em alguns segmentos.

Indústria

Indústria continua estagnada, ainda sem recuperar o nível pré-pandemia, afetada pela falta de componentes e matérias primas e pela elevação das taxas de juros que inibem os investimentos.

Materiais de construção

Após forte crescimento nos últimos dois anos, vendas estão retraindo, refletindo a mudança da dinâmica do consumo das famílias, hoje mais voltado para gastos com lazer.

Autopeças

Produção vem sendo afetada pela falta de componentes em toda a cadeia automotiva.

A inflação mundial persistentemente elevada e sem sinais de desaceleração, é o principal risco global. Na Europa e nos EUA a inflação atingiu o nível mais alto em 40 anos, sendo a alta de preços, oriunda de energia, alimentos e serviços. O mundo ainda ressenete os efeitos da pandemia, com desarranjos nas cadeias globais de suprimentos, e as conseqüências da guerra entre Rússia e Ucrânia, fatores sem horizonte de solução.

A partir de 2023, a desaceleração da economia poderá moderar a alta de preços das *commodities*, favorecendo o arrefecimento da inflação global, mas por outro lado, a Europa ainda enfrenta o aperto no suprimento de gás e os EUA a resiliência dos preços dos serviços.

Nesse cenário, os bancos centrais seguirão em movimento de elevação das taxas de juros, para frear a atividade econômica e consequentemente a inflação, gerando risco de recessão em 2023 na Europa e nos EUA, durante alguns trimestres. China e Japão não estão em movimento de alta dos juros, já que, nesses países a inflação segue em níveis moderados.

Nesse contexto global de elevação de juros, o Brasil está adiantado, pois começou a elevar a Selic antecipadamente, encerrando o movimento de alta em agosto.

Projeções de PIB - Variação %

Países	2021	2022	2023
Mundial	6,0	3,2	2,7
EUA	5,7	1,6	1,0
Área do Euro	5,2	3,1	0,5
Japão	1,7	1,7	1,6
China	8,1	3,2	4,4
América Latina	6,9	3,5	1,7
Brasil	4,6	2,8	1,0

Nas projeções para o Brasil foi utilizada a fonte FMI, para manter a homogeneidade na comparação com os outros países.

Desde o início do segundo semestre, as estimativas para o crescimento de 2022 estão mais positivas. Até meados do ano, as expectativas eram de um crescimento de 0,7% e hoje são de 2,8%. Esse otimismo reflete a melhora da economia acima do que era esperado, como reflexo da ampliação do emprego, da liberação dos recursos do FGTS, da antecipação do 13º salário de pensionistas e aposentados, dos programas de auxílio governamental e do aumento de renda disponível resultante da desinflação. Para os próximos meses e isso se refletindo em 2023, deveremos observar desaceleração da expansão econômica, como resultado da alta dos juros e do menor crescimento global. Nesse cenário, o PIB de 2023 deverá crescer 0,7%.

A inflação deverá seguir em retração nos próximos meses, refletindo a desaceleração econômica e a redução dos preços internacionais de *commodities* agrícolas. Para 2022 a inflação deverá fechar em 5,6% e de 2023 em 4,9%.

O ciclo de alta da Selic chegou ao fim, mas o Banco Central seguirá vigilante e focado em avaliar se a manutenção da taxa básica, no patamar atual por um período suficientemente longo, levará à convergência da inflação para o centro da meta. Nesse cenário, as expectativas são de que o Bacen comece a reduzir a taxa básica de juros, apenas no segundo semestre de 2023. De todo modo, Banco Central também deixou claro que poderá voltar a elevar os juros caso o processo desinflacionário não prossiga conforme o esperado.

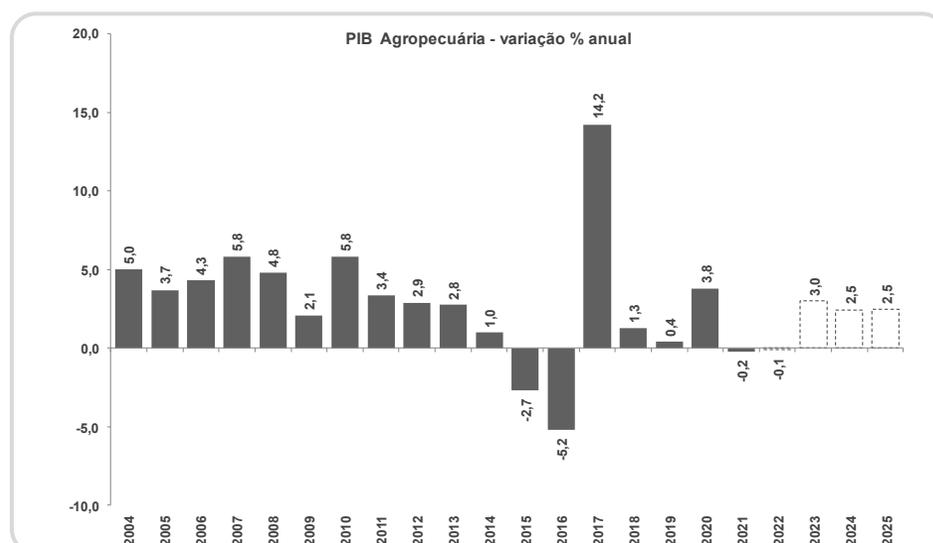
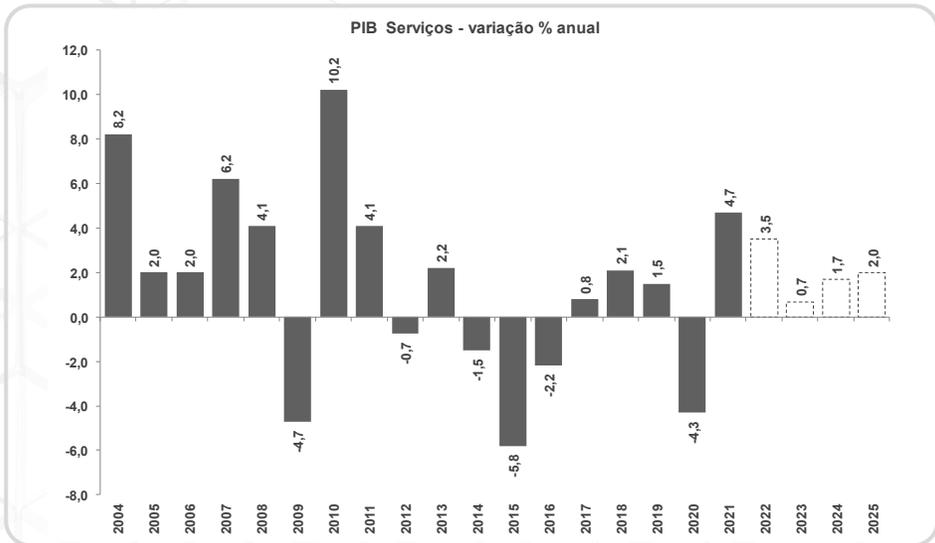
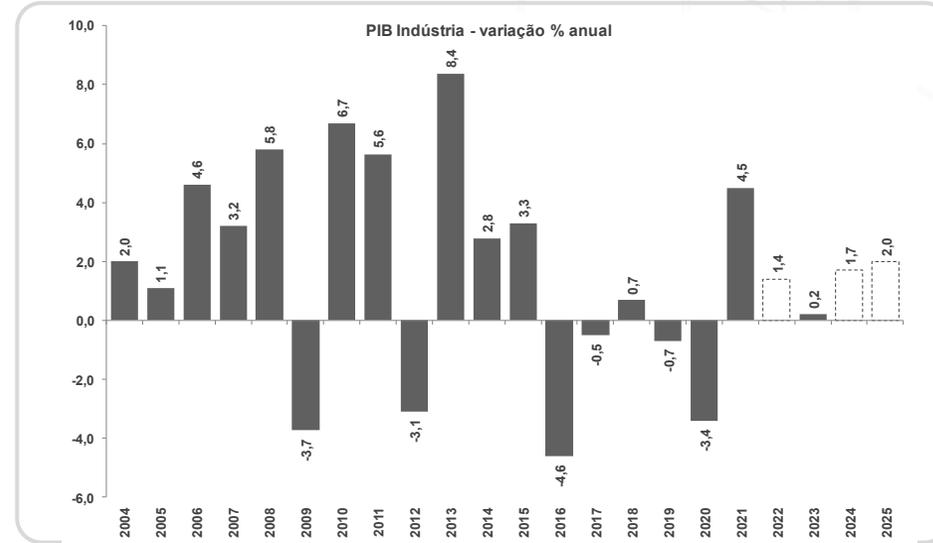
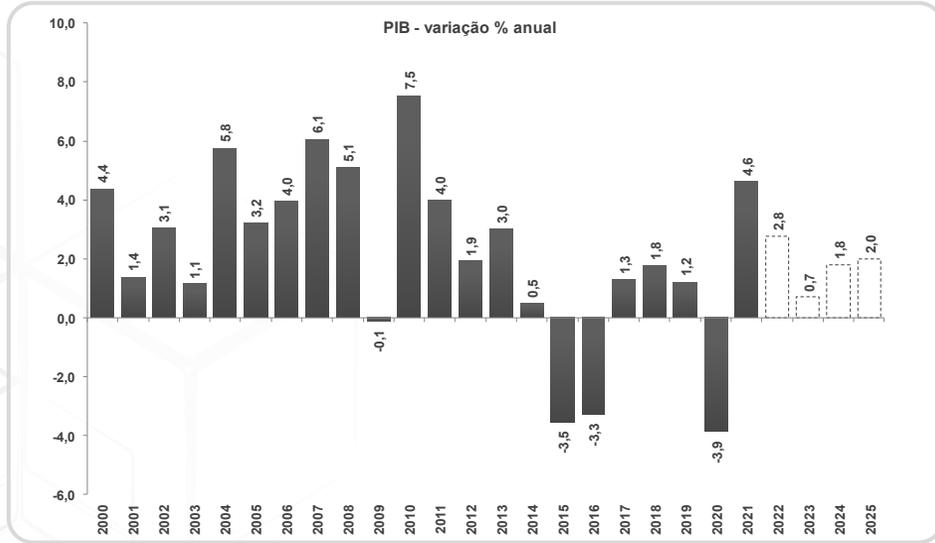
A taxa de desemprego está no patamar mais baixo desde dezembro de 2015 e deverá fechar o ano de 2022 na média de 8,4%, com leve aceleração em 2023 para 8,9%, refletindo a desaceleração econômica.

O dólar deverá registrar alta volatilidade até que seja definida a nova equipe econômica e as diretrizes para a política fiscal, sobretudo em relação ao teto dos gastos. E continuará fortalecido em relação ao real, como resultado da elevação das taxas de juros norte-americanas. A estimativa para a taxa de câmbio para o final desse ano é de R\$/US\$ 5,20, devendo manter esse nível no final de 2023.

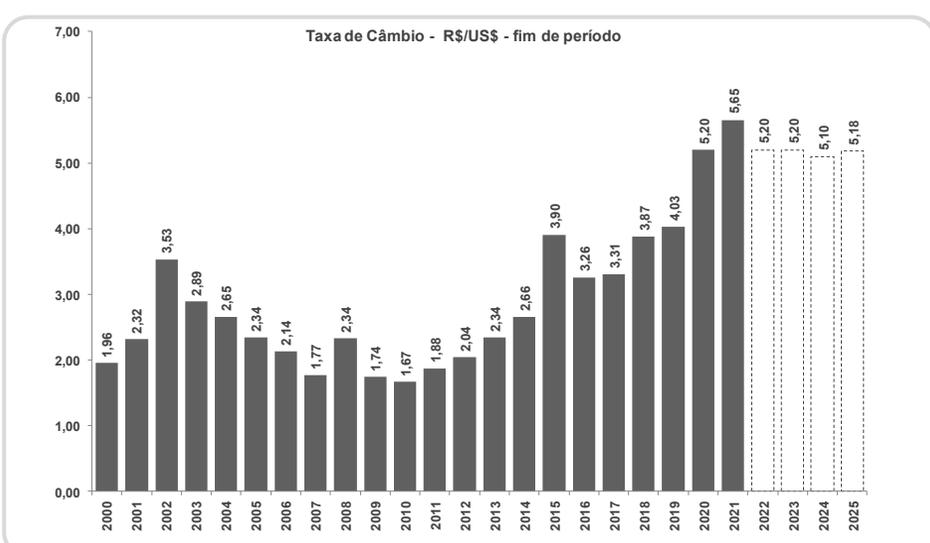
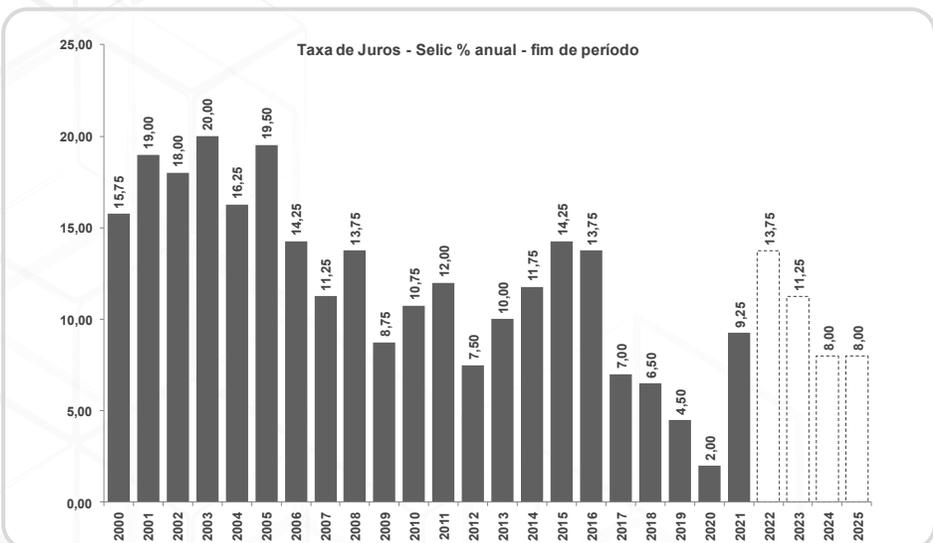
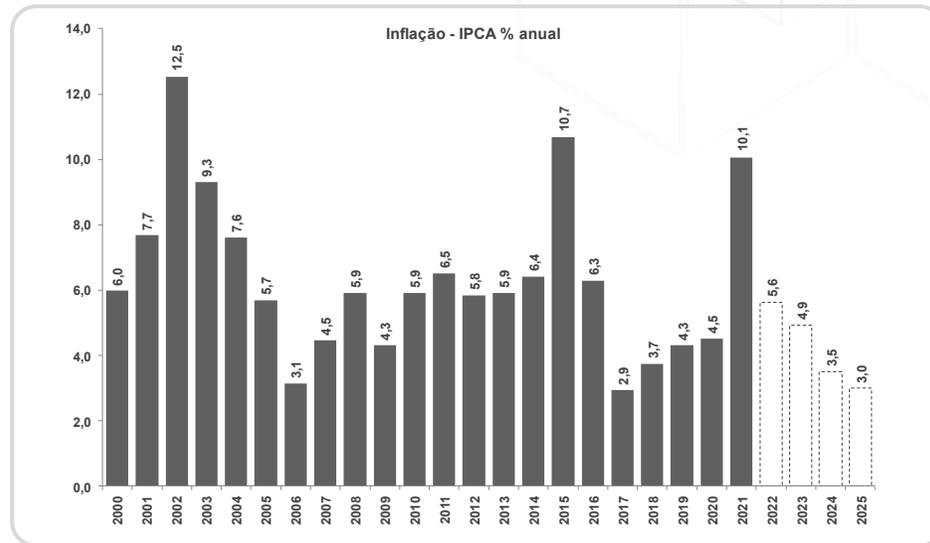
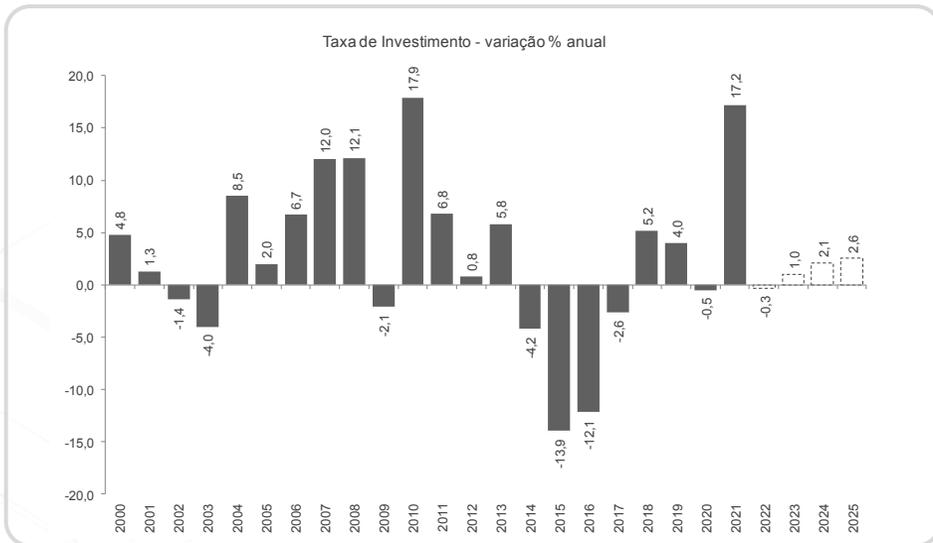
Indicadores	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023
PIB	-3,5	-3,3	1,3	1,8	1,2	-3,9	4,6	2,8	0,7
PIB - indústria	3,3	-4,6	-0,5	0,7	-0,7	-3,4	4,5	1,4	0,2
PIB - Serviços	-5,8	-2,2	0,8	2,1	1,5	-4,3	4,7	3,5	0,7
PIB - Agropecuária	-2,7	-5,2	14,2	1,3	0,4	3,8	-0,2	-0,1	3,0
Consumo das famílias	-3,2	-3,8	2,0	2,4	2,6	-5,4	3,6	3,5	0,9
Taxa de Investimento	-13,9	-12,1	-2,6	5,2	4,0	-0,5	17,2	-0,3	1,0
Taxa de Desemprego (média)	8,5	11,5	12,7	12,3	12,0	13,8	13,2	8,4	8,9
Inflação IPCA	10,7	6,3	2,9	3,7	4,3	4,5	10,1	5,6	4,9
Taxa de Juros - Selic	14,25	13,75	7,00	6,50	4,50	2,00	9,25	13,75	11,25
Câmbio R\$/US\$	3,90	3,26	3,31	3,87	4,03	5,20	5,65	5,20	5,20

Pontos de atenção

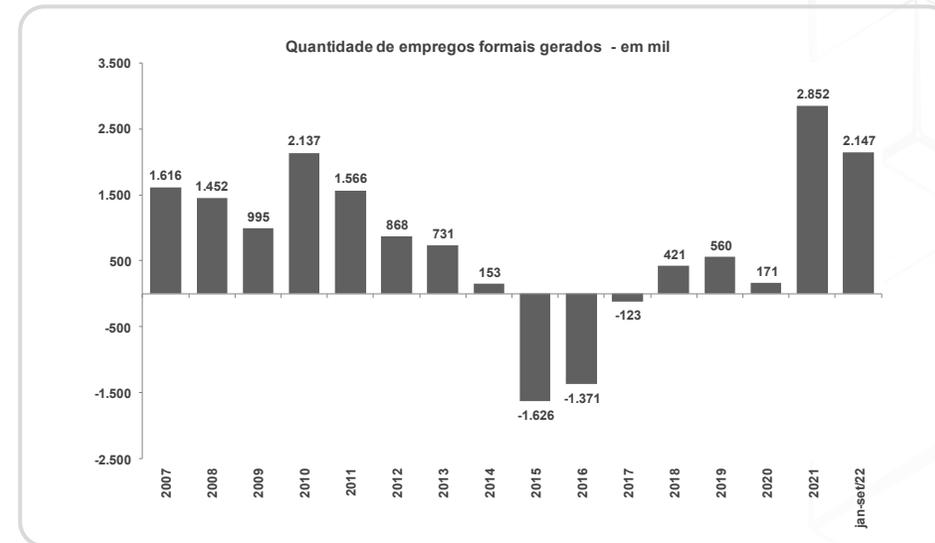
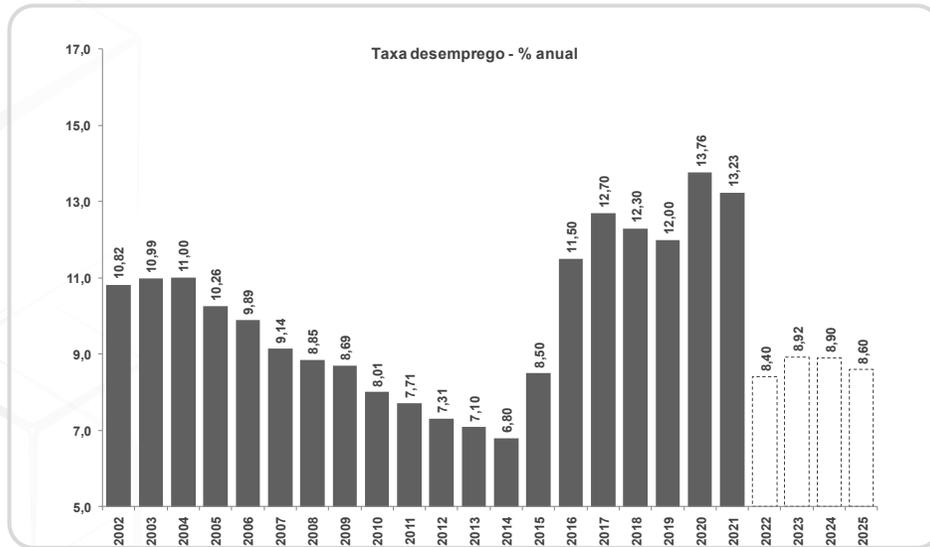
- ✓ Desaceleração acentuada do crescimento global e risco de recessão nos EUA e na Europa durante alguns trimestres.
- ✓ Forte volatilidade cambial durante o período de transição de governo
- ✓ Risco fiscal em 2023. Sem o teto dos gastos, que garante a responsabilidade fiscal, a confiança do investidor externo é negativamente afetada, e isso impacta em elevação do dólar e consequentemente na inflação
- ✓ Dificuldades financeiras das empresas provenientes do período de lockdown.
- ✓ Pandemia ainda não controlada globalmente.
- ✓ Inflação em alta representa aumento de custos para as empresas com matérias primas, dissídios coletivos e aluguéis.



A agropecuária e os serviços continuam com melhor desempenho enquanto a indústria segue com baixo crescimento.



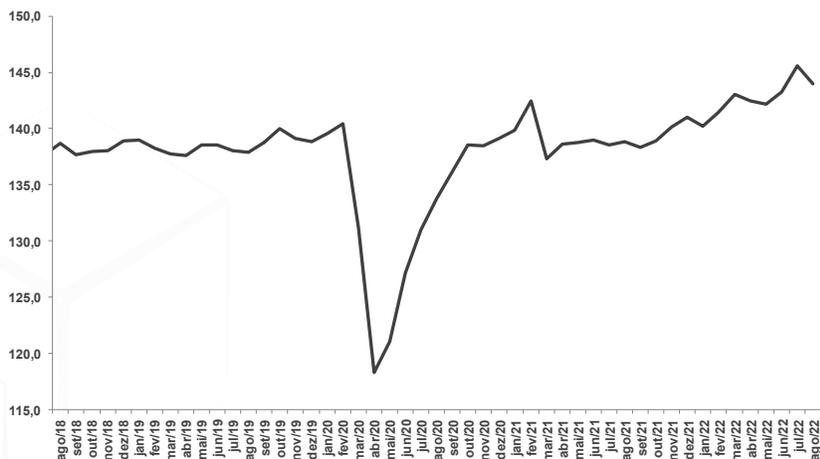
No longo prazo, inflação deverá chegar ao centro da meta, permitindo taxas de juros mais baixas, o que incentiva a retomada dos investimentos.



✓ IPCA voltou a subir em outubro com alta de 0,59%, interrompendo uma sequência de três meses seguidos de deflação. As principais altas foram de preços de alimentos, principalmente *in natura* e de passagens aéreas.

✓ Na reunião de final do mês de setembro, o Banco Central manteve novamente a Selic em 13,75% a.a..

Índices de Atividade Econômica do Banco Central - IBC-Br - com ajuste sazonal



PIB Trimestral - número índice



A melhora da economia neste ano é resultado de uma combinação de fatores conjunturais:

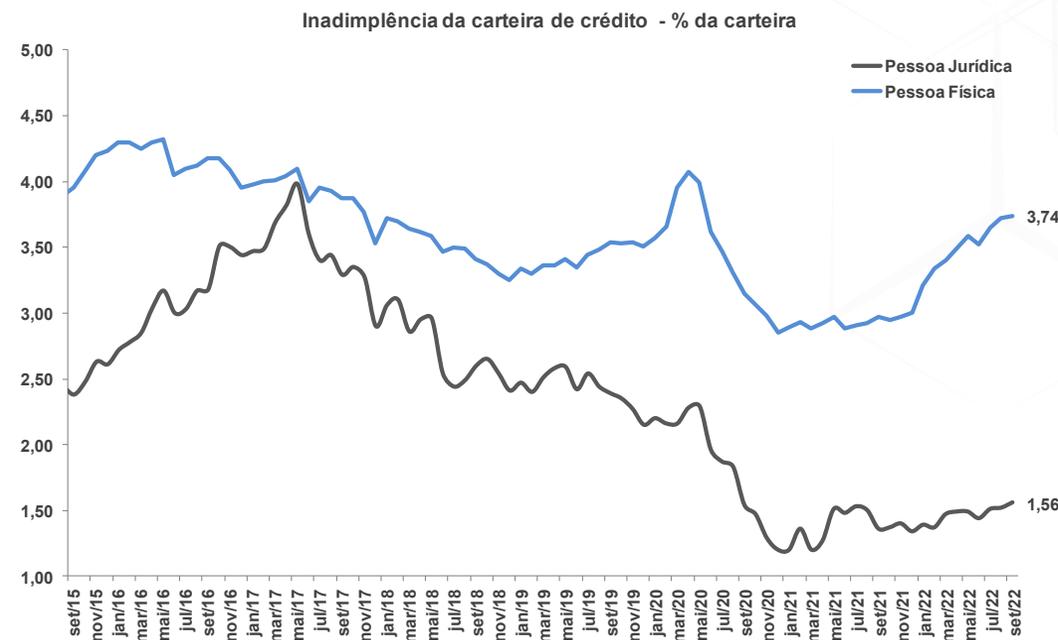
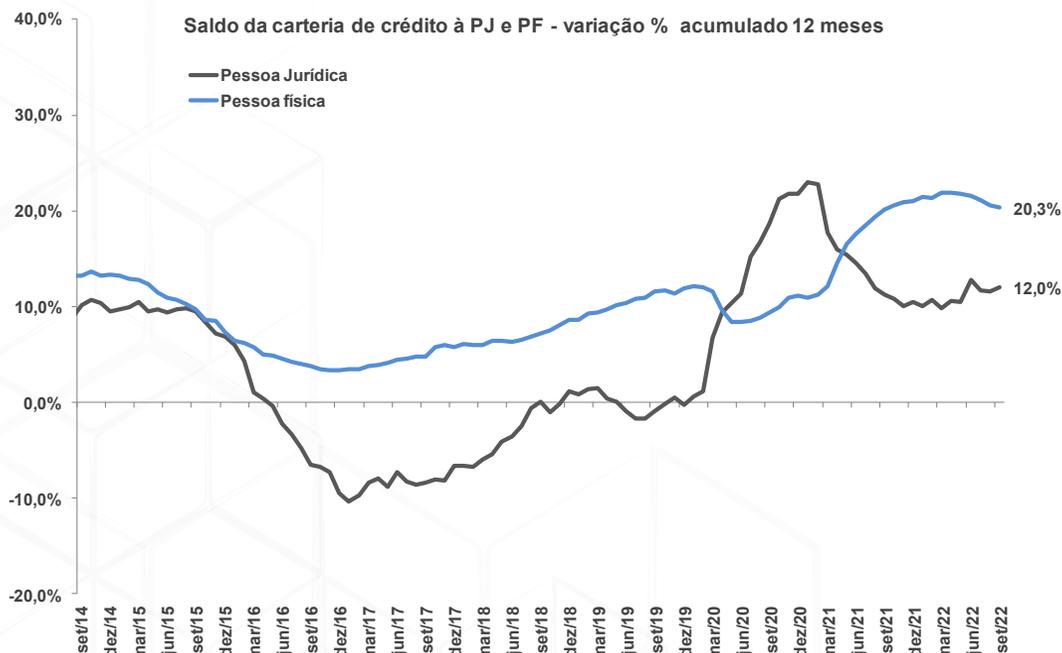
- ✓ Reabertura da economia
- ✓ Arrefecimento da inflação
- ✓ As famílias usaram poupança para o consumo – durante o lockdown, sem a possibilidades de efetuar gastos com viagens e lazer, as famílias efetuaram poupança forçada.
- ✓ Estímulos fiscais sem precedentes. As políticas de preservação da renda durante a pandemia ficaram alinhadas com os programas dos países desenvolvidos e acima da média dos emergentes:
 - Aumento do Auxílio Brasil de R\$ 192 em 2021 para R\$ 600 em 2022
 - Liberação de R\$50 bilhões em recursos do FGTS
 - Antecipação do 13º do INSS
 - Renegociação de dívidas de empresas e famílias em condições favoráveis
- ✓ Forte crescimento global, com impulso de benefícios fiscais e juros baixos

Mudanças estruturais recentes também contribuíram para o crescimento econômico:

- ✓ Reforma da previdência e Teto dos Gastos, que ampliaram a resiliência da economia
- ✓ Reforma trabalhista
- ✓ Mudanças no mercado de crédito
- ✓ Desalavancagem do BNDES
- ✓ Cadastro positivo
- ✓ Amadurecimento do mercado de capitais

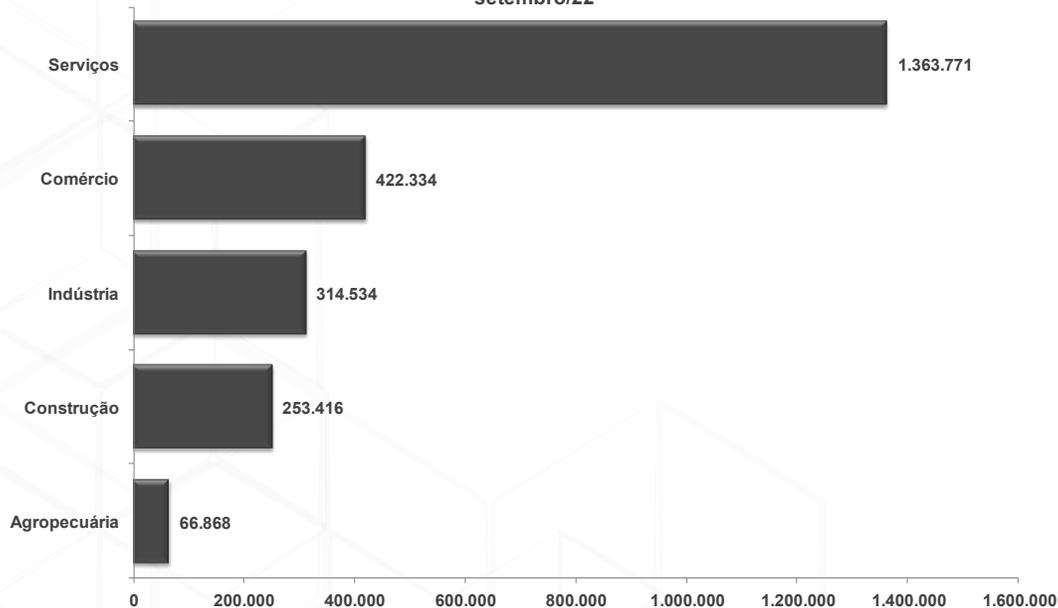
A expansão do crédito tem sido um dos principais impulsos para a melhora da atividade econômica. O crédito à pessoa jurídica vem desacelerando em razão dos juros mais altos. O crédito à pessoa física segue em crescimento, com destaque para o crédito imobiliário e o consignado.

A inadimplência da PF registrou alta nos meses recentes, refletindo a piora da renda com a elevada inflação. Mas a inadimplência da PF e da PJ vem se mantendo abaixo dos níveis históricos, fruto da maior rigidez do sistema financeiro na concessão de crédito.

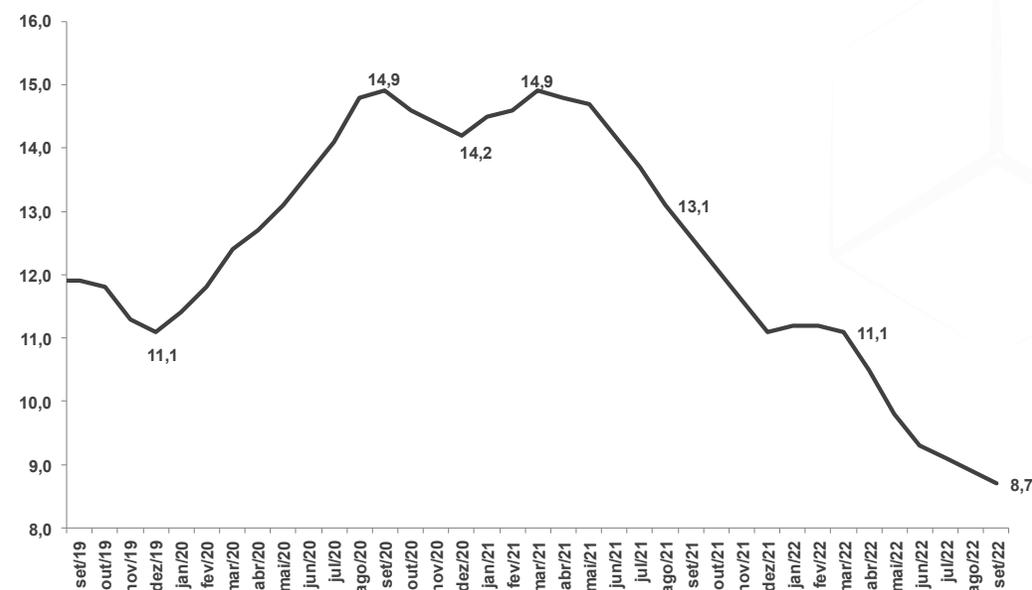


Recuperação do mercado de trabalho segue em curso.. Nos últimos 12 meses até setembro, a população ocupada cresceu em 8 milhões, atingindo 99 milhões de pessoas, o maior nível desde o início da pesquisa pelo IBGE em 2012. Com isso, o desemprego está abaixo do período pré-pandemia. Desde o final de 2021, o emprego vem crescendo em ritmo mais acelerado do que a atividade econômica e isso parece estar associado à Reforma Trabalhista que flexibilizou as relações de trabalho e à composição setorial dos empregos gerados. De fato, setores mais intensivos em mão de obra, como comércio e serviços estão em crescimento. A Reforma Trabalhista de 2017 favoreceu a redução de ajuizamento de ações trabalhistas, reduzindo custos e isso é um fator que favorece a demanda por trabalho. Nesse cenário, a taxa de desemprego vem registrando recuo, saindo de 14,9% em 2021 para 8,7% em setembro de 2022.

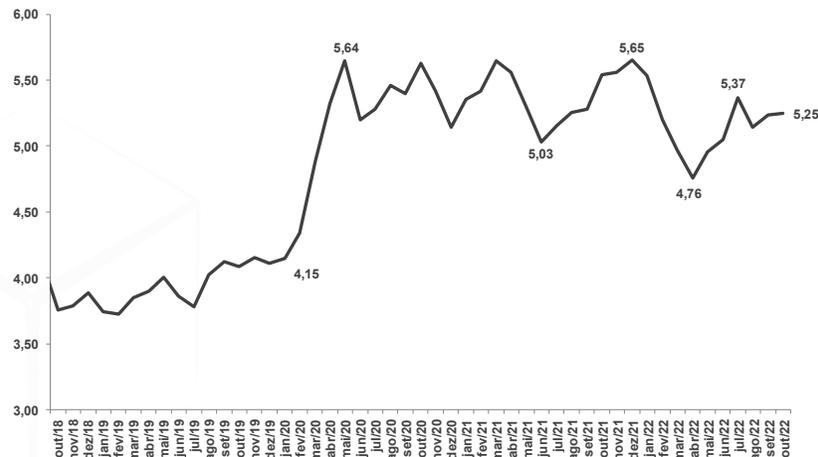
Quantidade de empregos formais gerados por setor - acumulado em 12 meses até setembro/22



Taxa de desemprego - Variação % mensal



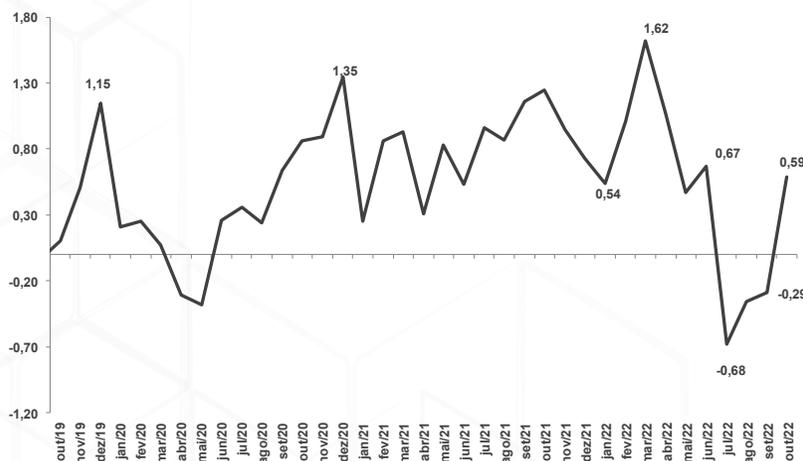
Taxa de câmbio Média mensal - R\$/US\$



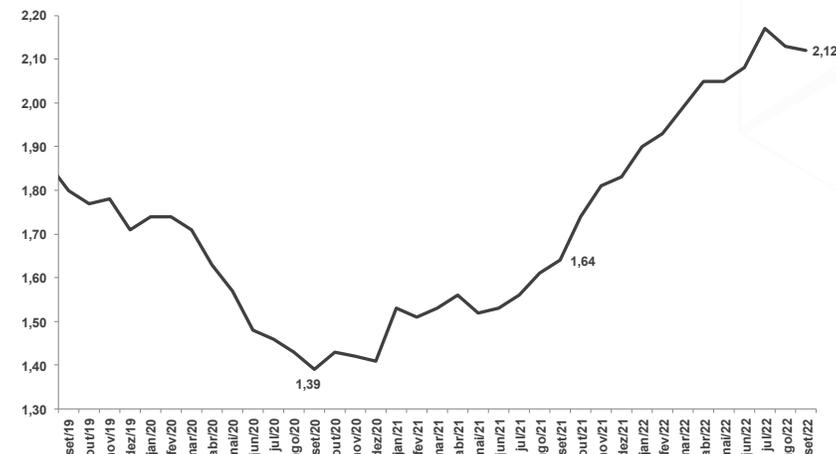
A taxa de câmbio oscilou bastante durante a fase mais crítica da pandemia, refletindo as incertezas do cenário. Nos meses recentes o dólar subiu, passando de R\$/US\$ 4,76 em abril para R\$/US\$ 5,25 em outubro, como reflexo da elevação da taxa de juros nos EUA, principalmente.

Como resultado das desonerações de energia e combustíveis e do recuo de preços de alimentos, a inflação registrou a primeira deflação desde maio de 2020, período mais crítico do isolamento social. Apesar disso, a inflação em 12 meses ainda continua alta e nesse cenário, o Banco Central mantém a Selic elevada.

Taxa de inflação - IPCA - IBGE - Variação mensal



Taxa média mensal de juros das operações de crédito - Total - % a.m.

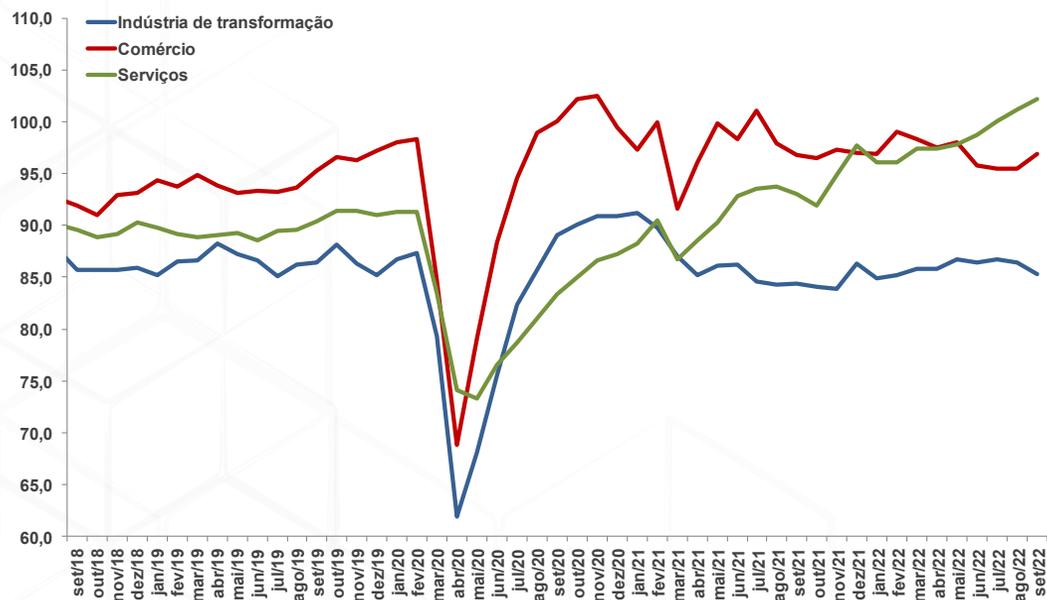


A **indústria** registrou recuperação rápida após a reabertura das atividades, mas nos meses recentes seguiu estagnada, impactada pela falta de componentes e matérias primas e pela baixa confiança do empresário em investir.

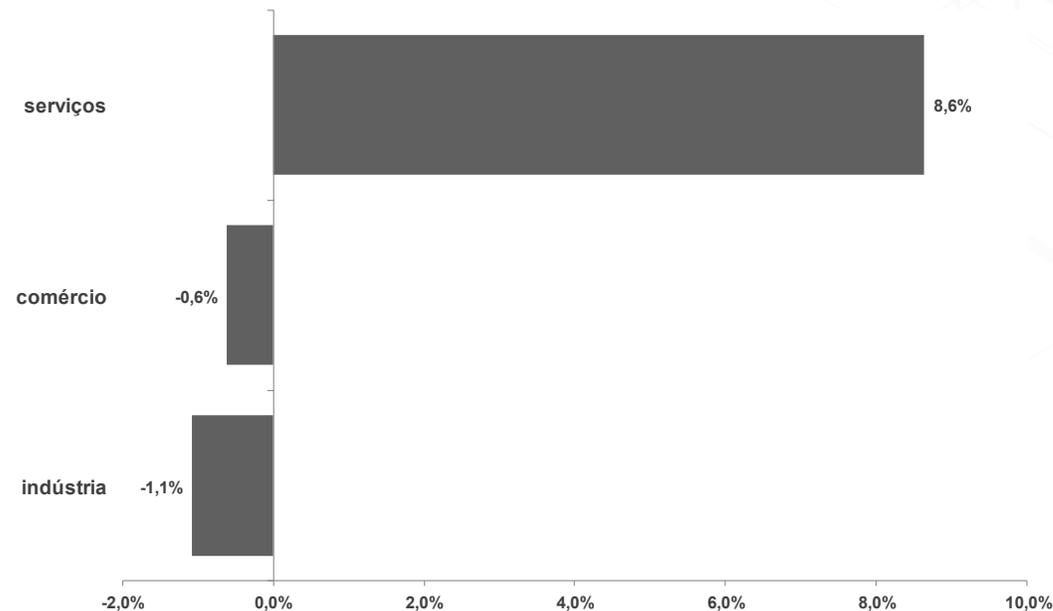
O **comércio** varejista registrou recuperação rápida, impulsionado pelo *e-commerce*. A melhora do emprego e os benefícios sociais ajudaram a manter a expansão do varejo nos primeiros meses desse ano, no entanto, a escalada inflacionária com impacto direto no poder de compra da população e a elevação dos juros, afetaram o desempenho do comércio nos meses recentes.

Serviços demoraram mais a sair da crise, já que as atividades de lazer e serviços prestados às famílias só voltaram a partir do fim do isolamento social. Com o avanço da vacinação a recuperação dos serviços segue consistente.

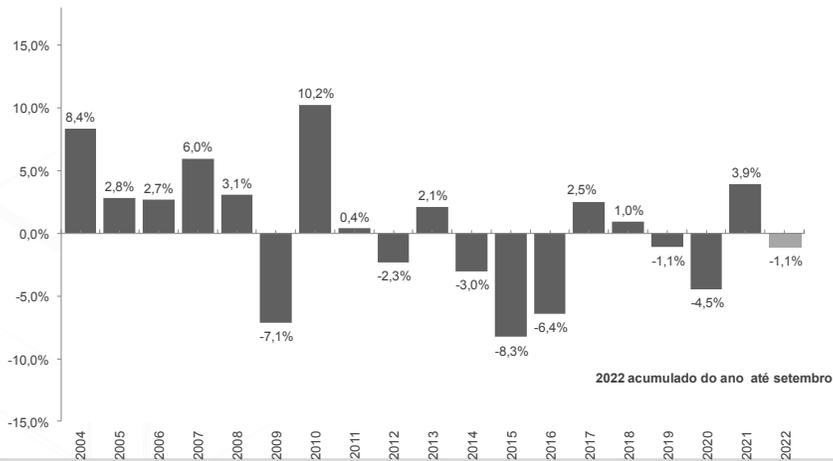
Indicadores Setoriais - com ajuste sazonal



Var % dos indicadores setoriais - Acumulado do ano até setembro/22



Produção Industrial - Variação % ao ano

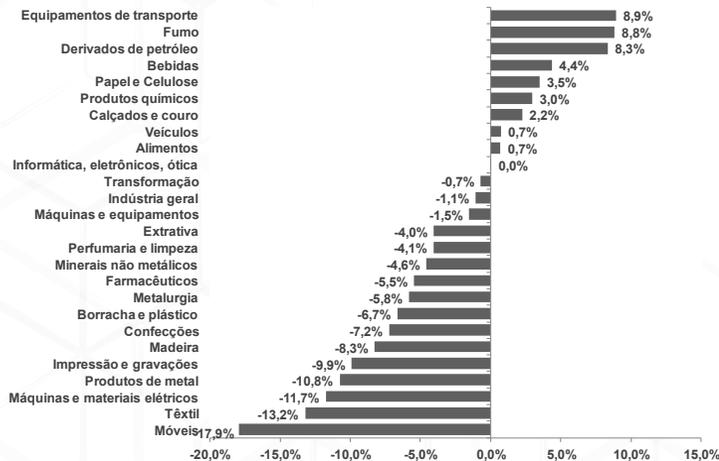


Indústria segue fragilizada

Seguindo a retomada da atividade econômica pós *lockdown*, a indústria cresceu 3,9% em 2021, porém sobre uma base que foi muito baixa no ano anterior. A indústria vem registrando recuperação bastante gradual e está 0,8% abaixo do nível pré pandemia e 17,3% abaixo do recorde observado em 2011.

Neste ano a indústria vem sendo impactada principalmente pela alta dos juros, que afeta a capacidade de investimento das empresas e pela falta de componentes e matérias primas. Com isso, entre janeiro e setembro, a produção industrial caiu 1,1% em relação ao mesmo período do ano passado.

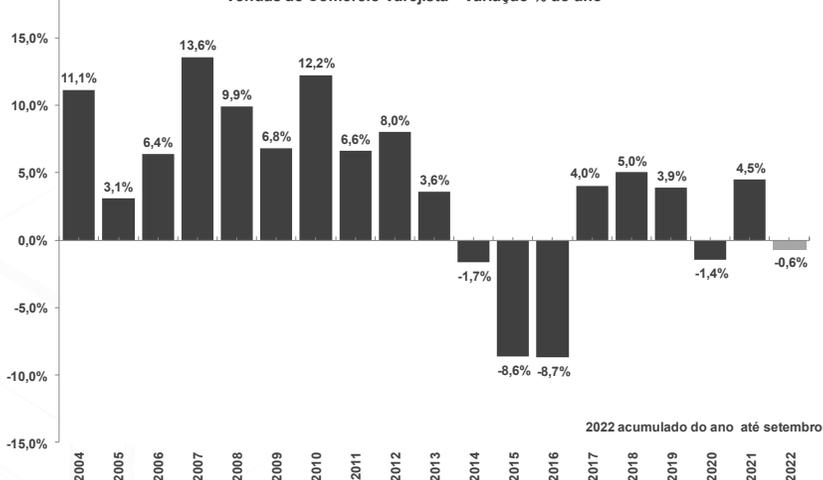
Produção industrial por segmento - Acumulado do ano até setembro/2022



Segmentos	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022
Indústria Geral	2,1%	-3,0%	-8,3%	-6,4%	2,5%	1,0%	-1,1%	-4,5%	3,9%	-1,1%
Extrativa	-3,6%	6,8%	3,9%	-9,4%	4,5%	0,0%	-9,7%	-3,4%	1,0%	-4,0%
Indústria de transformação	2,8%	-4,2%	-9,8%	-6,0%	2,2%	1,1%	0,2%	-4,6%	4,3%	-0,7%
Alimentos	0,6%	-1,0%	-1,8%	0,5%	1,2%	-5,3%	1,7%	4,2%	-8,2%	0,7%
Bebidas	-2,1%	1,3%	-4,7%	-3,1%	0,8%	0,9%	4,2%	-0,2%	0,3%	4,4%
Fumo	-8,2%	-1,5%	-9,3%	-21,7%	20,4%	-4,0%	-0,3%	10,1%	-0,6%	8,8%
Têxtil	0,2%	-6,6%	-15,0%	-4,6%	5,6%	-2,2%	-0,6%	-6,9%	8,4%	-13,2%
Confecções	-0,5%	-3,0%	-11,7%	-5,8%	3,5%	-3,3%	0,8%	-23,7%	12,0%	-7,2%
Calçados e couro	4,3%	-4,2%	-7,7%	-1,3%	0,8%	-2,4%	-0,4%	-18,8%	4,9%	2,2%
Madeira	2,0%	-2,6%	-4,6%	1,3%	1,8%	3,6%	-5,5%	-0,4%	12,1%	-8,3%
Papel e Celulose	-0,6%	-1,0%	-0,6%	2,3%	3,3%	5,0%	-3,7%	1,3%	3,6%	3,5%
Impressão e gravações	-4,5%	-3,8%	-18,9%	-11,1%	-10,2%	-0,3%	-1,9%	-38,8%	18,2%	-9,9%
Derivados de petróleo	6,5%	2,3%	-5,9%	-8,5%	-4,2%	0,7%	1,7%	4,4%	-0,7%	8,3%
Perfumaria e limpeza	5,6%	2,7%	-3,7%	-1,3%	2,3%	1,5%	-3,7%	2,7%	-5,3%	-4,1%
Produtos químicos	4,7%	-3,9%	-6,2%	-1,0%	0,6%	-0,6%	-0,9%	-0,5%	5,8%	3,0%
Farmacêutica	-0,6%	2,5%	-12,4%	-1,7%	-5,2%	6,0%	-3,7%	2,1%	-3,1%	-5,5%
Borracha e plástico	0,7%	-3,6%	-9,3%	-6,6%	4,6%	0,9%	-1,4%	-2,4%	5,1%	-6,7%
Minerais não metálicos	2,2%	-2,5%	-7,7%	-10,6%	-2,2%	0,5%	1,1%	-2,6%	13,8%	-4,6%
Metalurgia	0,0%	-7,4%	-8,4%	-6,0%	4,7%	4,1%	-2,9%	-7,2%	15,4%	-5,8%
Produtos de metal	-1,6%	-10,1%	-11,5%	-10,6%	-1,4%	3,1%	4,9%	0,1%	5,2%	-10,8%
Informática, eletrônicos, ótica	4,6%	-3,1%	-30,1%	-14,0%	20,2%	2,6%	-0,7%	-1,3%	-1,8%	0,0%
Máquinas e materiais elétricos	3,2%	-7,0%	-12,0%	-7,3%	-3,5%	-0,3%	0,8%	-2,2%	4,3%	-11,7%
Máquinas e equipamentos	4,1%	-5,7%	-14,5%	-11,7%	2,8%	3,5%	0,3%	-4,2%	24,0%	-1,5%
Veículos	9,6%	-16,8%	-25,9%	-12,1%	17,2%	12,8%	2,2%	-27,9%	20,1%	0,7%
Equipamentos de transporte	1,9%	-0,3%	-9,3%	-19,7%	-10,3%	-2,2%	-8,6%	-29,1%	15,8%	8,9%
Móveis	1,7%	-7,3%	-13,8%	-10,1%	4,5%	-1,3%	0,1%	-3,8%	-2,6%	-17,9%

2022 acumulado do ano até agosto

Vendas do Comércio Varejista - Variação % ao ano



Mudança na dinâmica do comércio

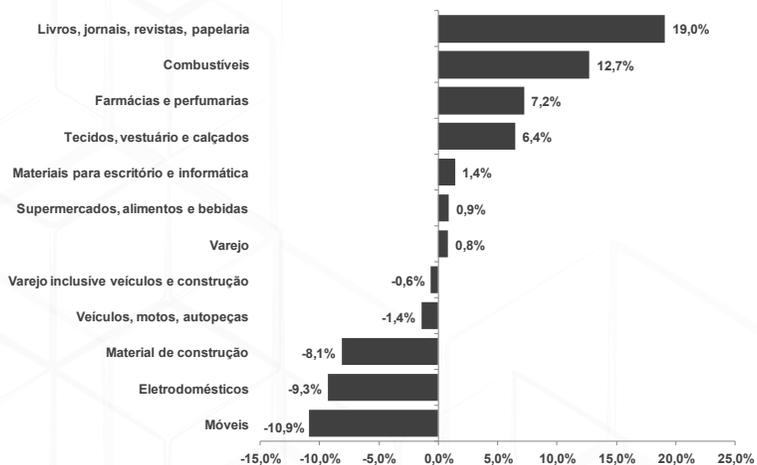
Durante o *lockdown*, a população concentrou o consumo em artigos para o lar, como móveis, eletrodomésticos e materiais de construção. Com as atividades de lazer fechadas, o consumo se desviou para supermercados e farmácias. Com o avanço da vacinação, essa dinâmica setorial mudou, esses segmentos perderam tração e outros estão avançando, como vestuário, calçados, e livrarias.

Até setembro as vendas no varejo recuaram 0,6% em relação ao mesmo período do ano passado, refletindo a alta de juros e reforçando tendência de desaceleração da economia.

Para os próximos meses, o cenário de arrefecimento da inflação, mercado de trabalho fortalecido e distribuição do Auxílio Brasil, será positivo para o comércio varejista de segmentos mais dependentes de renda, como supermercados, farmácia e vestuário.

Já os segmentos dependentes de crédito, como veículos, eletrodomésticos e materiais para construção deverão desacelerar, em razão das elevadas taxas de juros e da demanda saturada.

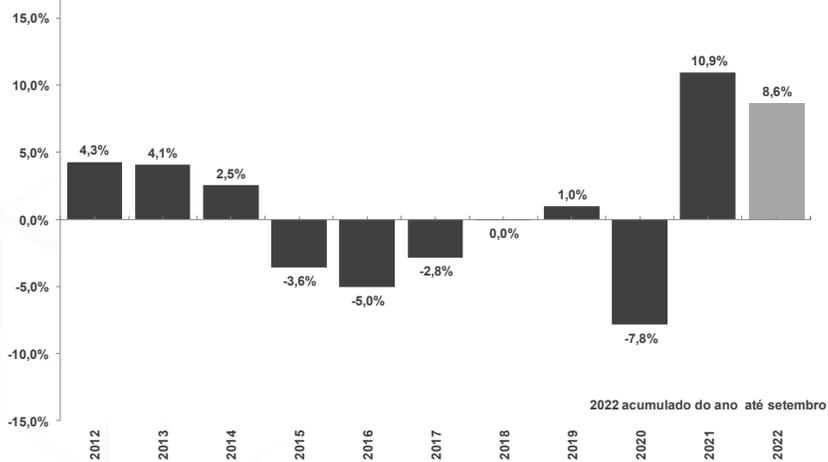
Vendas do comércio varejista por segmento - Acumulado do ano até setembro/22



Segmentos	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022
Combustíveis	6,3%	2,6%	-6,1%	-9,2%	-3,3%	-4,9%	0,6%	-9,7%	0,3%	12,7%
Supermercados, alimentos e bebidas	1,9%	1,3%	-2,5%	-3,1%	1,5%	3,8%	0,4%	4,8%	-2,6%	0,9%
Tecidos, vestuário e calçados	3,4%	-1,1%	-8,6%	-10,9%	7,6%	-1,0%	0,1%	-22,5%	13,7%	6,4%
Móveis	-1,6%	0,5%	-16,5%	-12,1%	1,4%	-3,3%	5,8%	11,9%	-1,9%	-10,9%
Eletrodomésticos	8,6%	0,9%	-13,0%	-12,8%	11,6%	0,2%	2,8%	10,0%	-9,2%	-9,3%
Farmácias e perfumarias	10,1%	9,0%	3,0%	-2,1%	2,5%	5,9%	6,8%	8,3%	9,8%	7,2%
Livros, jornais, revistas, papelaria	2,6%	-7,7%	-10,9%	-16,1%	-4,1%	-14,3%	-20,7%	-30,6%	-16,8%	19,0%
Materiais para escritório e informática	6,9%	-1,7%	-1,8%	-12,3%	-3,1%	0,2%	0,8%	-16,2%	-2,0%	1,4%
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	10,3%	7,9%	-1,3%	-9,5%	2,1%	7,6%	6,1%	2,5%	12,7%	-8,1%
Veículos, motos, autopeças	1,5%	-9,4%	-17,8%	-14,0%	2,7%	15,1%	10,0%	-13,6%	14,9%	-1,4%
Material de construção	6,9%	0,0%	-8,4%	-10,7%	9,2%	3,5%	4,2%	10,8%	4,4%	-8,1%
Varejo - inclusive veículos e material de construção	3,6%	-1,7%	-8,6%	-8,7%	4,0%	5,0%	3,9%	-1,4%	4,5%	-0,6%

2022 acumulado do ano até setembro

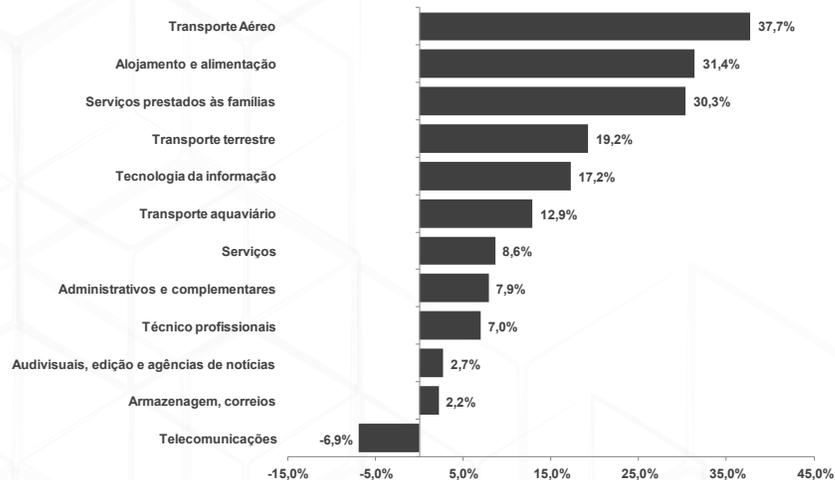
Receita de Serviços - Variação % ao ano



Durante o *lockdown*, quase todas as atividades de serviços sofreram forte retração, com exceção de transporte aquaviário, impulsionado pelo agronegócio e de tecnologia da informação, favorecido principalmente pelo *home office* e pelas aulas *on line*.

Com o avanço da vacinação, todos os serviços de serviços estão registrando crescimento. Apenas o segmento de telecomunicações vem sendo afetado pelo recuo de serviços de TV por assinatura que estão perdendo mercado para *streaming*.

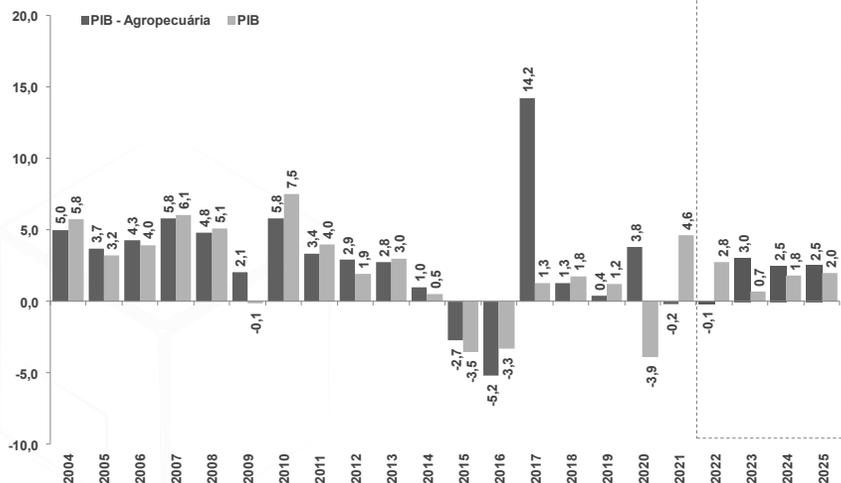
Receita de Serviços por segmento - Aumulado ao ano até setembro/22



Segmentos	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022
Serviços	4,1%	2,5%	-3,6%	-5,0%	-2,8%	0,0%	1,0%	-7,8%	10,9%	8,6%
Serviços prestados às famílias	0,4%	-1,8%	-5,3%	-4,4%	-1,1%	0,2%	2,8%	-35,6%	18,2%	30,3%
Alojamento e alimentação	0,6%	-1,9%	-5,5%	-4,6%	-0,3%	0,9%	3,0%	-36,7%	20,1%	31,4%
Telecomunicações	5,1%	3,0%	-0,4%	-3,4%	-2,8%	-2,6%	-0,9%	-3,4%	-0,2%	-6,9%
Tecnologia da informação	13,0%	11,7%	4,5%	0,1%	2,0%	6,7%	13,0%	8,3%	24,8%	17,2%
Audisuais, edição e agências de notícias	3,7%	4,7%	-3,8%	-7,1%	-7,6%	-4,7%	0,5%	-17,7%	10,1%	2,7%
Técnico profissionais	-3,6%	-2,0%	-9,7%	-11,4%	-12,3%	-1,1%	2,9%	-5,5%	12,4%	7,0%
Administrativos e complementares	1,1%	1,0%	-2,4%	-3,6%	-4,5%	-2,1%	-0,2%	-13,5%	5,4%	7,9%
Transporte terrestre	8,1%	2,4%	-10,4%	-10,4%	0,9%	2,1%	-2,8%	-11,5%	14,7%	19,2%
Transporte aquaviário	0,0%	-3,0%	17,6%	-9,5%	17,5%	-0,8%	2,7%	10,4%	14,7%	12,9%
Transporte Aéreo	14,2%	12,3%	4,3%	1,3%	-19,4%	4,2%	-5,3%	-36,9%	37,5%	37,7%
Armazenagem, correios	2,6%	2,9%	-4,0%	-4,9%	8,1%	-0,7%	-2,5%	2,8%	12,0%	2,2%

2022 acumulado do ano até setembro

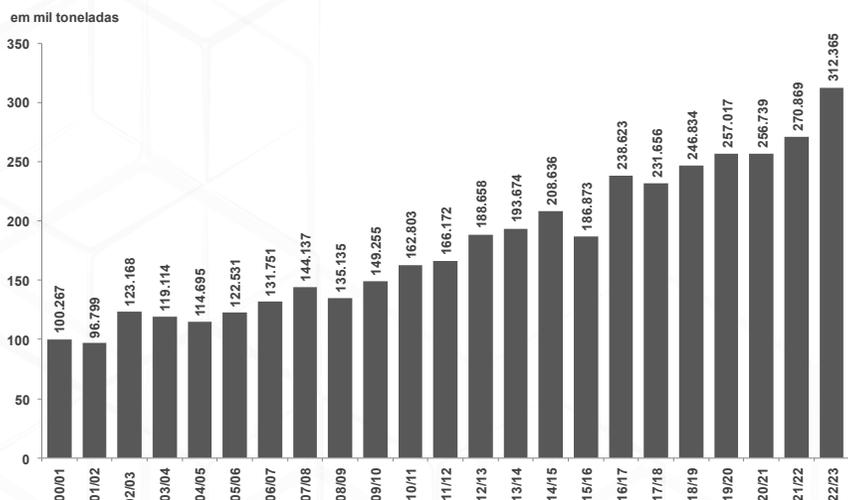
PIB Agropecuária e PIB total



O agronegócio vem registrando recordes de produção nos últimos anos.

Após a reabertura das atividades e a recuperação econômica, as *commodities* voltaram a subir no mercado internacional, mas os custos de produção também subiram fortemente impactando na produção. Com isso, PIB agro deverá registrar recuo de 0,1% em 2022. Para 2023 a expectativa é de crescimento forte do PIB de 3,0%, favorecido pela safra recorde de grãos.

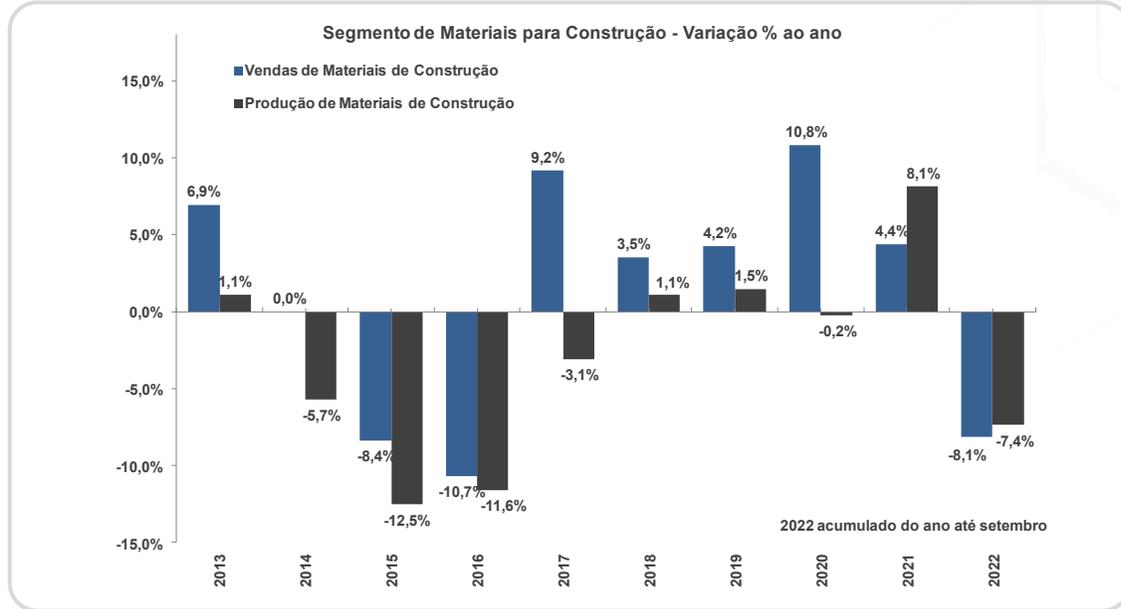
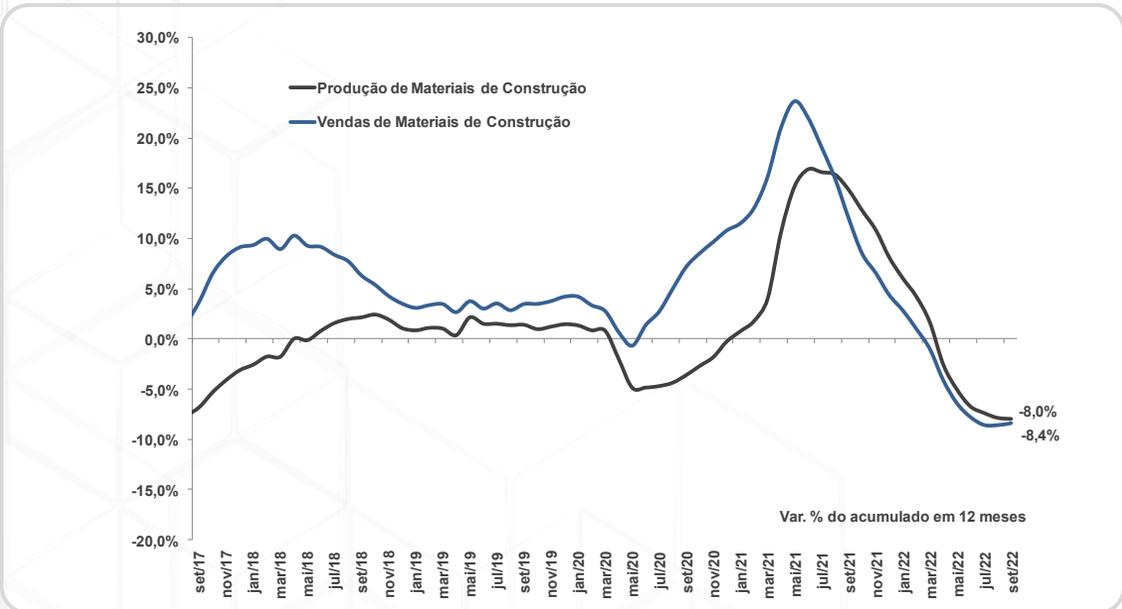
Produção Nacional de Grãos - Arroz, Feijão, Milho, Trigo, Algodão e Soja



2020 – Desde o início da pandemia, o segmento de materiais de construção vem registrando **descompasso entre vendas no varejo e produção**. Em 2020, as vendas registraram movimento crescente durante todo o ano e fecharam em alta de 10,8%, enquanto a produção caiu 0,2%, gerando **falta de estoque** de diversos produtos nas redes distribuidoras. O forte ritmo de crescimento das vendas durante o *lockdown* foi resultado do redirecionamento de gastos com lazer para as reformas, principalmente para a adaptação ao *home office*. O segmento imobiliário também registrou forte expansão desde o início da pandemia, mesmo nos períodos de estandes fechados, impulsionado pelas baixas taxas de juros dos financiamentos. Por outro lado, a produção não acompanhou o ritmo de expansão do varejo, em razão do descompasso nas cadeias industriais gerado durante o *lockdown*.

2021 – Em 2021 o varejo continuou expandindo, embora em ritmo menor – cresceu 4,4% e a indústria recuperou a produção em maior proporção do que o varejo, com crescimento de 8,2%, aparentemente recompondo estoques na rede.

2022 – Até setembro desse ano, vendas e produção registram recuo de, -8,1% e -7,4% nessa ordem, em relação ao mesmo período do ano passado. Com a reabertura das atividades, os gastos das famílias voltaram para o lazer e a elevação das taxas de juros inibiu expansão mais robusta do segmento imobiliário.

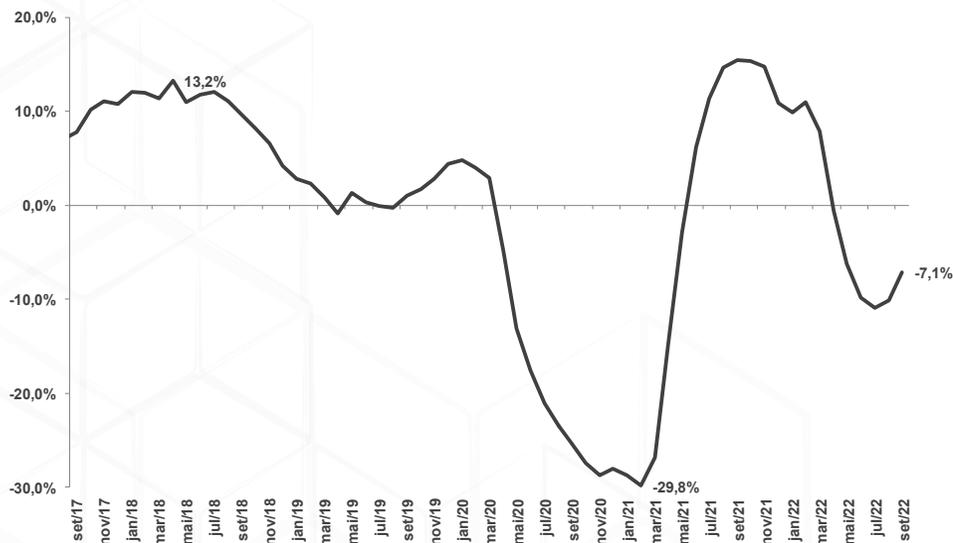


2020 – A indústria de autopeças vinha registrando crescimento desde a saída da crise de 2015, impulsionada pela demanda do setor automotivo e do mercado de reposição. Em 2020, impactada pelo *lockdown* a produção caiu 28%, seguindo o segmento de veículos que registrou recuo de 33,2% da produção de automóveis e de 19,6% da produção de caminhões e ônibus.

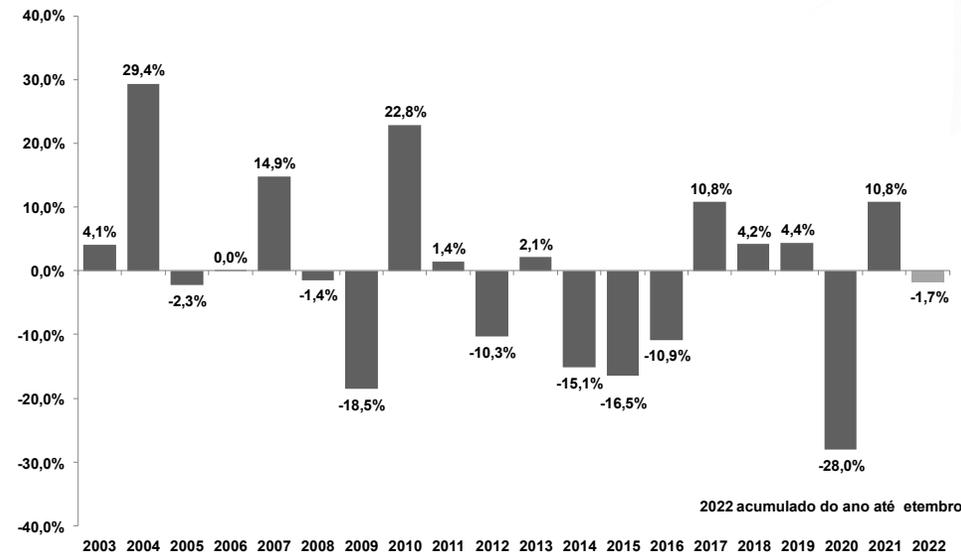
2021 – Em 2021 o setor de autopeças voltou a crescer (10,7%), favorecido pela demanda da indústria automotiva – produção de automóveis cresceu 5,3% e de veículos pesados cresceu de forma mais robusta, 60,8%, sustentada pela demanda do agronegócio, da mineração e do *e-commerce*.

2022 – Entre janeiro e setembro desse ano a produção de autopeças caiu 1,7% em relação ao mesmo período do ano passado, afetada pela falta de componentes em toda a cadeia automotiva. No entanto a produção de veículos melhorou nos meses recentes. Até setembro a produção de automóveis cresceu 1,2% e de caminhões e ônibus cresceu 4,3%. Em razão das dificuldades com a oferta de semicondutores, a Anfavea revisou para baixo as projeções do mercado automotivo. As projeções de produção de automóveis passaram de 9,5% para 4,4% e as projeções da produção de caminhões e ônibus passaram de 8,2% para 0%.

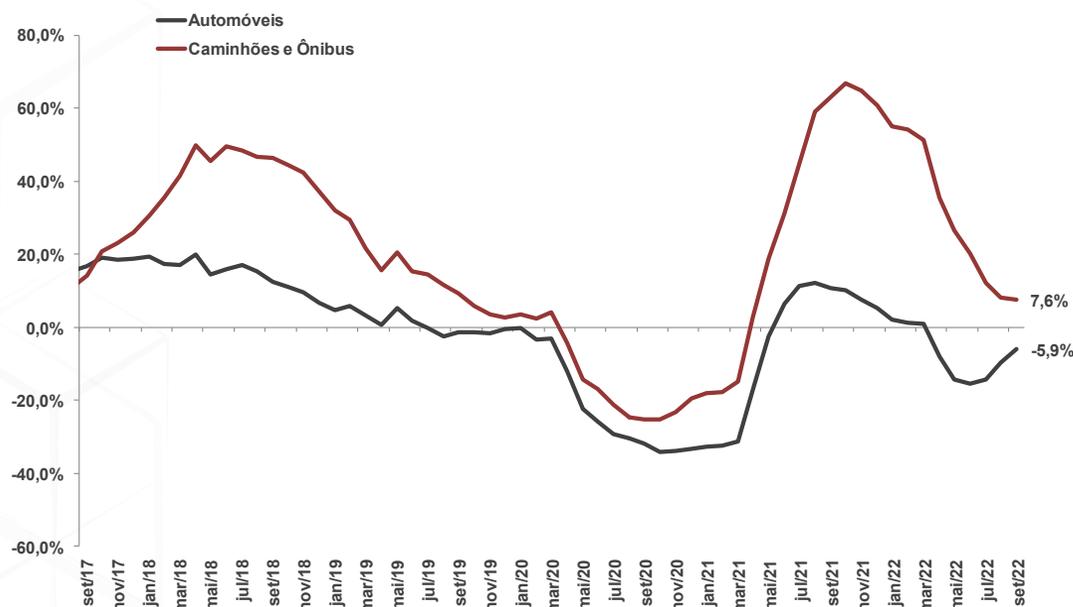
Produção de Autopeças - Variação % Acumulada em 12 meses



Produção de Autopeças - Variação % anual



Produção de Automóveis, Caminhões e Ônibus - Variação % Acumulado em 12 meses



Ano	Autopeças	Automóveis	Caminhões e Ônibus
2003	4,1%	-1,2%	15,2%
2004	29,4%	27,3%	39,2%
2005	-2,3%	12,1%	11,5%
2006	0,0%	5,0%	-6,0%
2007	14,9%	14,0%	18,1%
2008	-1,4%	7,0%	19,0%
2009	-18,5%	0,8%	-29,9%
2010	22,8%	12,0%	60,2%
2011	1,4%	-4,7%	17,9%
2012	-10,3%	-1,9%	-36,4%
2013	2,1%	3,9%	33,1%
2014	-15,1%	-13,8%	-23,6%
2015	-16,5%	-21,0%	-44,0%
2016	-10,9%	-11,3%	-15,0%
2017	10,8%	18,7%	26,0%
2018	4,2%	6,6%	37,2%
2019	4,4%	-0,4%	2,5%
2020	-28,0%	-33,2%	-19,6%
2021	10,8%	5,3%	60,8%
2022	-1,7%	1,2%	4,3%

2022 acumulado do ano até setembro



Contato | Nossos Canais



Rua Fernando Camargo, 895 (Sala 93)
13465-020 Americana, SP



+55 (19) 3648-0175 | Telefone



+55 (19) 3648-0175 | WhatsApp



contato@PachecoConsultores.com.br



www.PachecoConsultores.com.br